



ATIVIDADE MOTORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DISCURSO DE DOCENTES NÃO FORMADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA QUE MINISTRAM ESTAS AULAS

Daniele Darc Donizete Camargo

Universidade Nove de Julho – Brasil

Raphael Gonçalves de Oliveira

Universidade Estadual do Norte do Paraná – Brasil

Resumo: As aulas de Educação Física na Educação Infantil, em algumas localidades, são ministradas por profissionais sem formação específica na área. Com isso, o objetivo do presente estudo foi verificar o discurso de docentes que ministram aulas dessa disciplina, mas não possuem formação em Educação Física, para verificar como o trabalho é realizado. O estudo se caracterizou como qualitativo e exploratório, e dele participaram seis professores da rede municipal de ensino, de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Como instrumento, foi utilizado um questionário semiestruturado com perguntas abertas. Os resultados mostraram que os professores ministram as aulas no horário estabelecido, planejando as atividades e discutindo o tema nos horários de trabalho pedagógico coletivo. Porém, apenas um docente se considerou preparado para ministrar essas aulas. Assim, consideramos que se torna necessário haver esforços por parte dos governos municipais e estaduais para que profissionais licenciados em Educação física possam ministrar tais atividades.

Palavras-chave: educação infantil; educação física; formação profissional.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem como finalidade atender crianças até os cinco anos de idade. Essa etapa da Educação Básica, mesmo não sendo obrigatória, constitui-se como um direito da criança e um dever dos Estados e Municípios (BRASIL, 1996). No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998a), aparecem seis eixos de trabalho no âmbito da experiência do Conhecimento de Mundo que são: Movimento, Música, Natureza e Sociedade, Linguagem Oral e Escrita, Artes Visuais e Matemática.

Como a temática deste estudo refere-se à atividade motora, iremos focar o eixo Movimento, no qual os conteúdos estão divididos em expressividade, equilíbrio e coordenação, fazendo parte da vida do ser humano, antes mesmo de seu nascimento. O Movimento deve relacionar-se ao desenvolvimento do corpo como um todo, em que as atividades de raciocínio, a resolução de problemas, a criatividade, a criticidade e outras habilidades importantes para a vida da criança sejam almeçadas por meio das práticas pedagógicas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998a), o eixo Movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como atividades voltadas para a ampliação da cultura corporal de cada criança.

Ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas. Nesse sentido, as instituições de Educação Infantil devem favorecer um ambiente físico e social, no qual as crianças se sintam protegidas e acolhidas e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for o ambiente, mais ele poderá possibilitar um aumento do conhecimento acerca de si mesmo, dos outros e do meio em que vivem.

Os jogos, as brincadeiras, a dança e as práticas esportivas revelam, por seu lado, a cultura corporal de cada grupo social, constituindo-se em atividades privilegiadas nas quais os movimentos são aprendidos e ganham significados. Essa aprendizagem envolve uma discussão, que é a inserção da disciplina Educação Física na Educação Infantil. Nessa etapa da Educação Básica, em algumas escolas as aulas denominadas de Movimento, Atividade Motora ou Educação Física, assim como as demais disciplinas que englobam a grade curricular, normalmente são ministradas pelo próprio professor da sala, não tendo profissionais específicos.

Freire (1994) traz à tona o seguinte questionamento: Quem deve dar as aulas de Educação Física na Educação Infantil? O autor procura destacar dois fatores como sendo fundamentais para a realização das aulas de Educação Física nessa etapa do ensino. O primeiro deles remete ao plano econômico, ou seja, a utilização dos professores regentes de classe, nas aulas de Educação Física, necessariamente não demanda um aumento do número do corpo docente nem tampouco de encargos financeiros. O segundo ponto destacado pelo autor refere-se à questão legal; nesse aspecto, ele afirma:

Não adianta determinar por resoluções oficiais, que a professora de sala de aula ministre aulas de educação física. Decretos, portarias e leis não satisfazem as exigências de competência, assim como contratar um professor de educação física despreparado para tal função só pioraria o quadro existente (FREIRE, 1994, p. 79).

Segundo as Diretrizes Curriculares dos cursos de formação dos profissionais oriundos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia (BRASIL, 2006), existe a orientação para que os cursos responsáveis pela formação se preocupem com os conhecimentos referentes à Educação Física.

Art. 5º – O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

VI – ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, *Educação Física*, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano (grifo nosso).

Em outro trecho, onde se define a base curricular comum do curso, a preocupação é novamente explicitada:

Art. 6º – A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:

I – um núcleo de estudos básicos que, sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio do estudo acurado da literatura pertinente e de realidades educacionais, assim como por meio de reflexão e ações críticas, articulará:

- i) decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, Artes, *Educação Física* (grifo nosso).

Com relação à formação em Pedagogia, Ayoub (2001, p. 144) afirma que “temas relacionados à área da Educação Física, raramente, são estudados nos cursos de formação de professores, ou, quando são, acabam sendo abordados, equivocadamente, de forma reducionista”.

Com relação à Educação Física na Educação Infantil, Sayão (2002, p. 223) diz que “constata-se que tradicionalmente, não há, nos cursos de licenciatura em Educação Física, uma preocupação em formar professores para intervirem na educação de zero a cinco anos”. Quando essa preocupação existe, muitas vezes é oferecida como um “pacote” de atividades de jogos e brincadeiras para serem desenvolvidas com crianças de acordo com as diferentes faixas etárias. Tal prática pode levar ao mecanicismo da criança, visto que, na maioria das vezes, as atividades são aplicadas sem um objetivo específico. Os professores atuantes na Educação Infantil (pedagogos) podem não ter uma formação adequada para ministrar os conteúdos da Educação Física de maneira eficiente. García (1999), Marin (1995), Mercado (1999) e Pimenta (1999) acreditam que não é possível um profissional sair totalmente pronto de um curso, demonstrando a importância de se complementar a formação. Rangel-Betti (2001) acredita que os profissionais necessitam ser completos, sendo preciso dominar todos os saberes: o saber da docência (pedagógico-didático), o saber curricular

(conteúdos da disciplina) e o saber da experiência. Este último é um tipo de saber “tácito” (GARCÍA, 1999) que só pode ser adquirido durante o exercício prático da profissão (RANGEL-BETTI, 2001).

Outro aspecto a ser considerado, é que muitas vezes, por existir um espaço específico para um trabalho corporal nas aulas de Educação Física, nos demais tempos da jornada escolar, acentua-se um trabalho de natureza intelectual, no qual a dimensão expressiva, por meio da gestualidade, é praticamente esquecida. A aula de Educação Física passa a ser vista como a dona do corpo e do movimento das crianças, quando, na realidade, essa disciplina não tem por finalidade trabalhar o corpo como um aspecto isolado.

Programas de educação continuada têm sido desenvolvidos visando complementar os saberes desses profissionais. Segundo Marin (1995), a educação continuada trata da atualização pedagógica, do treinamento, do aperfeiçoamento e da capacitação. Porém, um programa de educação continuada não é garantia de que haverá melhorias e acréscimo no conhecimento desses profissionais. Para Chantraine-Demilly (1992), a eficácia dos modelos de formação continuada está na dependência das estratégias escolhidas que podem levar a mudanças significativas, ou não, na prática. É importante que esses cursos abordem as individualidades dos professores e consigam trazer a teoria para a prática pedagógica. Rangel-Betti (2001, p. 93) explica que:

[...] além do estabelecimento de novas relações entre universidades e escolas, o mais importante seja a geração de novos conhecimentos, para que este possa contribuir cada vez mais para a melhoria da qualidade do ensino e da formação profissional do professor de Educação Física.

Sayão (2002, p. 59), quando aborda questões da especificidade da Educação Física na Educação Infantil, enfatiza que:

[...] só se justifica a necessidade de um(a) professor(a) dessa área na Educação Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da instituição, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se complete e se amplie visando possibilitar cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças.

Assim, o Professor de Educação Física e o Professor Regente devem ter concepções de trabalho pedagógico que não fragmentem as funções de uns ou de outros, não se isolando em seus próprios campos, devendo compartilhar da mesma abordagem educacional, apreendendo entre si.

Como já citada anteriormente, a ausência do profissional especializado não deve limitar o conhecimento e o aprendizado das crianças dessa faixa etária; portanto, os professores regentes polivalentes, que ministram suas aulas, precisam ter clareza da

importância da inclusão da Educação Física no Ensino Infantil como base para o desenvolvimento dos alunos como um todo, ampliando o conhecimento de mundo no qual estão inseridos.

Com isso, o objetivo da presente pesquisa é verificar o discurso de professores que ministram aulas de Educação Física na Educação Infantil, mas não possuem formação acadêmica nessa área, para averiguar como o trabalho é realizado, e se eles se sentem preparados para desenvolverem os conteúdos.

METODOLOGIA DE PESQUISA

O estudo se caracterizou como qualitativo e exploratório (CERVO; BERVIAN, 2002). A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com seis professores que ministram aulas na Educação Infantil numa cidade do interior do estado de São Paulo. O instrumento foi composto por um questionário semiestruturado com perguntas abertas, dando ao entrevistado a liberdade de responder, de acordo com sua vivência, sobre as questões de estudo. As perguntas foram realizadas de forma a possibilitar uma ordem lógica dos assuntos. E para a elaboração do instrumento, foram seguidas as orientações de Lüdke e André (1986).

As perguntas tiveram por objetivo verificar como são realizadas as aulas de Educação Física, denominadas na grade curricular da rede municipal pesquisada de Movimento, tendo em vista que não são professores específicos (Educação Física) que ministram tais aulas, mas sim os próprios professores (polivalentes) da sala de aula. Foi adotado neste estudo o termo “polivalente” para designar os professores responsáveis por ministrar as aulas na Educação Infantil, independentemente da formação profissional que possuíam.

Essas perguntas visaram identificar os objetivos da Educação Infantil na visão dos profissionais; como eles planejavam as aulas de Movimento; quais os recursos pedagógicos que eles adotavam para essas aulas; se eles se sentiam preparados para ministrar as atividades; a frequência com que o tema era abordado no horário de trabalho pedagógico coletivo; qual era o tempo disponibilizado para as atividades motoras; e se consideravam essas aulas importantes.

Esses profissionais faziam parte do quadro docente de cinco unidades, numa somatória de 16 escolas, que constituem a rede municipal de educação da cidade pesquisada. A escolha das escolas partiu da possibilidade de abrangência de variadas realidades, da diversidade dos perfis dos grupos sociais, familiares, e dos espaços físicos e sociais nos quais estão situadas.

A primeira escola está localizada numa região mais afastada da cidade (periferia), não há uma quadra nem um espaço apropriado para a realização das atividades

motoras. As aulas de “Movimento” são realizadas dentro da própria sala de aula, com o professor afastando as mesas e cadeiras para criar um maior espaço. Já as segunda, terceira e quarta escolas estão localizadas próximas ao centro da cidade, possuindo espaços adequados para a realização das atividades, como quadras poliesportivas e parques infantis. A quinta escola está localizada num bairro de classe social elevada, onde boa parte das crianças mora em condomínio próximo à escola e na qual também existe um espaço adequado para a realização das atividades motoras.

Para análise das entrevistas, em cada pergunta foi buscado um termo-chave que exemplificasse a resposta como um todo. Assim, as perguntas foram categorizadas de forma a agrupar termos que tivessem relações em comum, conforme propõe Minayo (1996). Todos os voluntários da pesquisa foram devidamente informados sobre os objetivos do trabalho, bem como da metodologia adotada, de forma que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os voluntários deste estudo, cinco eram do sexo feminino e um do masculino, com idades variando entre 26 e 40 anos. O tempo que atuavam como docentes variou de 6 a 12 anos. Cinco cursaram o magistério, sendo que, destes, um também possuía formação em Matemática, e outro, em Pedagogia, ou seja, três apenas ostentavam formação em nível médio. Uma professora possuía graduação no curso superior de Letras. O ano da primeira formação variou entre 1996 e 2005.

Quando indagados sobre suas opiniões quanto aos objetivos da Educação Infantil, quatro professores disseram priorizar a interação social entre as crianças e destas com pessoas adultas, estabelecendo vínculos, respeitando a diversidade existente nas relações sociais e utilizando diferentes linguagens para desenvolver a comunicação. Um professor fez referência às aulas de Movimento, citando como maior objetivo o reconhecimento do próprio corpo, seus limites e suas potencialidades. Outro declarou que, além da socialização, esta fase do ensino tem por objetivo o processo de alfabetização e letramento. Como exemplificação seguem as respostas dos professores entrevistados:

Desenvolver uma imagem positiva desse aluno para que ele possa atuar de forma cada vez mais independente [...] estabelecendo vínculos e trocas com os adultos e crianças, aumentando e fortalecendo sua autoestima [...] ampliando cada vez mais as relações sociais e aprendendo a respeitar a diversidade [...] (Professor 1).

Socialização e iniciação do processo de alfabetização e letramento (Professor 2).

A criança, para se inserir na sociedade, deve ter total desenvolvimento de suas potencialidades. O Ensino ou Educação Infantil deve conter em seus objetivos um currículo que propicie a construção desses aspectos, tendo como base a ideia de que um aluno é um ser complexo, dotado de capacidades cognitivas, psicológicas, emocionais, sociais e motoras (Professor 3).

A Educação Infantil tem como principal objetivo, em minha opinião, a interação entre as crianças da mesma idade e com outros adultos, como os professores, educadores e diretores, valorizando e explorando o conhecimento prévio que a criança traz de casa (Professor 4).

Fornecer instrumentos para que a criança se relacione com a realidade de forma autoconfiante. Ajudá-la a construir valores e a respeitar os outros, favorecendo a formação do desenvolvimento cognitivo e a assimilação dos conhecimentos (Professor 5).

As atividades de Movimento devem levar o aluno, a saber, a identificar cada uma das partes do seu corpo, ter um controle sobre esses movimentos, que deverão ser ampliados gradativamente, de forma a demonstrar os limites e as facilidades (Professor 6).

Nota-se na maioria das respostas dos professores que o trabalho com a Educação Infantil relaciona-se com o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998a, p. 15), que menciona:

As instituições devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmas, dos outros e do meio em que vivem.

Todavia, dois professores também fizeram referência a outros aspectos, como a questão da alfabetização ou ainda as aulas de Movimento. Isso provavelmente porque as instituições de ensino estão comprometidas com a qualidade da iniciação dos conteúdos trabalhados desde os primeiros anos de escolarização. Sabendo que quanto mais rico o conhecimento adquirido, por meio da diversidade dos jogos e das brincadeiras, músicas, entre outras metodologias, maior será o pleno desenvolvimento do educando. Por outro lado, podemos mencionar que, quando o professor relaciona a questão da alfabetização, provavelmente seja em função do que é atribuída a grade curricular, na qual construímos momentos fragmentados de aprendizagens. Como salienta Weiss (1997), a criança aprende por meio da brincadeira de forma contínua, sendo que esta integração do ato lúdico, que envolve o brincar e o aprender, é gradativamente rompida pela escola, que impõe para a criança o momento de brincar e o de aprender.

Ao serem indagados sobre o entendimento a respeito das aulas de Movimento, as respostas foram, em sua maioria, relacionadas a situações envolvendo expressividade, coordenação motora, equilíbrio, exploração e ampliação das possibilidades

de gestos e ritmos corporais por meio de jogos e brincadeiras, como pode ser percebido nas falas a seguir:

São aulas com objetivo de desenvolver expressividade, equilíbrio e coordenação (Professor 1).

São aulas em que deve ser trabalhada a psicomotricidade, a coordenação motora, o equilíbrio, a noção de espaço, enfim, trabalhar toda a parte física e motora da criança (Professor 2).

Todo e qualquer objeto que esteja em nosso planeta é dotado de movimento, nossos discentes, antes de entrarem na educação formal, já têm desde sua concepção a habilidade sinestésica. A grade curricular Movimento só veio a organizar e estabelecer conceitos necessários ao planejamento e objetivando esta disciplina (Professor 3).

As aulas de Movimento são aquelas onde a criança passa por situações lúdicas, prazerosas, e se libera de suas amarras sociais alterando seu estado de ânimo de forma a inter-relacionar sentimentos, emoções e intuições, sendo capaz de liberar sua criatividade, espontaneidade e imaginação, além dos objetivos básicos que os referenciais nos orientam a desenvolver como a Motricidade, familiarizar-se assim, com a imagem do próprio corpo, de forma a explorar e ampliar as possibilidades de gestos e ritmos corporais, a postura, o espaço, o equilíbrio [...] (Professor 4).

A disciplina Movimento estimula o desenvolvimento sadio de várias habilidades motoras (Professor 5).

São aulas que buscam trabalhar atividades motoras grossas, finas, expressão corporal sempre de maneira lúdica (Professor 6).

Percebe-se nessas falas que, no entendimento desses professores, as aulas de Movimento são importantes. Eles, de um modo geral, mencionaram que as atividades têm por finalidade promover o desenvolvimento motor das crianças e que devem, principalmente, oferecer oportunidades de vivenciar movimentos e, a partir disso, propiciar situações que estimulem o desenvolvimento amplo de variadas capacidades motoras. Portanto, os professores consideram esses momentos de atividades de movimento uma maneira de expressão, desenvolvida por situações prazerosas em que a criança aprende brincando. O movimento é a linguagem das crianças dessa faixa etária. Como bem esclarece Zurawski (2006), o pensamento ocorre simultaneamente ao movimento, não havendo, deste modo, como esperar que os alunos fiquem sentados e quietos por muito tempo. Para a autora, impedir que um aluno se movimente é o mesmo que impedi-lo de pensar.

Quando questionados a respeito de como eles planejam suas aulas de Movimento, três professores mencionaram alguns fatores que compreendem características como as dificuldades das crianças, características estruturais, recursos, assim como suas próprias capacidades técnicas. Dois professores disseram planejar suas

aulas tendo como base o conceito de jogos e brincadeiras tradicionais, utilizando como espaço o parque da escola e brinquedos diversos. Um professor citou preparar suas aulas por meio de pesquisas sobre o assunto. Segue a fala de cada um deles:

Por meio de brincadeiras direcionadas e jogos, busco alcançar o desenvolvimento progressivo nos objetivos propostos, como nas brincadeiras de roda, cantos com movimentos, circuitos de pular com os pés dentro de bambolês, passarem por baixo de mesas, andar sobre linhas, também através dos jogos com bola, jogos de faz de conta, dinâmicas como mímicas [...] (Professor 1).

A partir das dificuldades que percebo nas crianças, como: falta de equilíbrio, lateralidade, coordenação e a partir dos recursos que tenho disponíveis na escola (Professor 2).

O planejamento compreende inúmeros fatores, mas alguns deles, que posso citar, compreendem, por exemplo, as características pessoais, estruturais, comportamentais, recursos didáticos, tempo, anseios sociais, administrativos, capacidades técnicas do profissional, características das crianças e muitas outras (Professor 3).

A quantidade de aulas de Movimento é de acordo com a grade curricular da série em que trabalho e são planejadas de acordo com o conteúdo trabalhado ou não, sempre respeitando a capacidade e individualidade de cada criança (Professor 4).

Através de pesquisas (Professor 5).

Com base no que deve ser construído ou fixado no desenvolvimento do aluno através de jogos diversos, brincadeiras tradicionais, motoras ou no parque e brinquedos diversos (Professor 6).

Com relação a essas falas ligadas ao planejamento das aulas de Movimento, é possível perceber que os professores se preocupam em preparar suas aulas dentro de suas possibilidades e seus recursos. Podemos dizer que os professores, não sendo especialistas em Educação Física, tentam, por meio do que o curso de Magistério ou Pedagogia abordou e de estudos sobre a temática, relacionar a sua prática pedagógica. Mesmo sabendo que a formação muitas vezes não é específica para determinada disciplina, Rangel-Betti (2001) acredita que os profissionais precisam ser completos, dominando todos os saberes: da docência, do currículo e da experiência. O professor polivalente busca diariamente dominar esses saberes, já que convive o tempo todo com as crianças; ele precisa e busca o aperfeiçoamento profissional, e a experiência adquirida é somada aos resultados alcançados.

Sobre os recursos pedagógicos utilizados nas aulas, um professor citou os próprios alunos, partindo do ideal de construção da imagem e possibilidades de exploração do próprio corpo, e assim objetivar as demais situações pedagógicas. Outro relacionou os comandos de voz ou imitação de gestos, trazendo para a realidade o professor, sendo ele mesmo um recurso na falta de materiais que, na maioria

das vezes, é insuficiente. Os demais professores citaram os materiais disponíveis nas escolas, como: rádio, bambolês, cordas, bolas, cestos, mesas e cadeiras como obstáculos, giz para marcação de circuitos, o parquinho, dentre outros. As falas a seguir exemplificam estas declarações:

Jogos, CDs, cordas, barbantes, cadeiras, mesas, bambolês [...] (Professor 1).

Rádio, bambolês, corda, o parquinho da escola, giz para traçar caminhos que as crianças devem percorrer, bola [...] (Professor 2).

Em primeiro lugar, gosto muito dessas aulas, tento demonstrar aos meus alunos que nosso corpo é o maior recurso pedagógico que temos, já que esses materiais nem sempre existem na unidade de ensino, mas cordas, bambolês, obstáculos, temos e utilizamos (Professor 3).

Os recursos pedagógicos utilizados nas minhas aulas de Movimento são os disponíveis na escola, como: corda, bambolê, giz de lousa para contornar o próprio corpo no chão, para fazer um traçado no chão ou um circuito, objetos para fazer de obstáculos em um circuito como cesto, bola, mesa, rádio para ouvir músicas [...] (Professor 4).

Diversos objetos como bola, cadeiras, mesas, corda e brinquedos (Professor 5).

Jogos que atendam a comandos de voz, ou imitação de gestos, brincadeiras de roda, pular corda, cabo de guerra, circuitos com materiais diversos como cone, cadeiras e bancos (Professor 6).

Os professores entrevistados parecem procurar trabalhar de acordo com os estudos enfatizados nos Referenciais Nacionais da Educação Infantil; e as atividades declaradas por eles demonstraram ser resultados de suas próprias vivências dentro da cultura corporal de movimento. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998b), é vasto o número de brincadeiras e jogos que são encontrados nas diversas culturas, envolvendo sequências complexas de ações motoras que podem ser reproduzidas, podendo, deste modo, propiciar conquistas no âmbito da coordenação motora e precisão dos movimentos realizados. Muito do que ensinamos para nossos alunos é parte daquilo que aprendemos em situações de nossa prática docente.

Quando foram indagados sobre o fato de se sentirem preparados ou não para ministrarem as aulas de Movimento, três professores responderam que de alguma forma não se sentem totalmente aptos a atuarem com as atividades desenvolvidas. Dois relataram que procuram fazer o melhor trabalho possível, e um declarou estar preparado, como pode ser visualizado nas falas que seguem:

Me esforço, busco através de pesquisas o que fazer, porém acho que poderia melhorar um pouco mais. Não tenho certeza até que ponto chegar no desenvolvimento de um determinado exercício, pois não sou realmente habilitada para tal (Professor 1).

Acredito que não sejam ruins, mas não me sinto preparada, visto que não sou especialista no assunto (Professor 2).

Avaliar-se é sempre muito complicado, então procuro sempre analisar minha atuação tendo como termômetro meus alunos, tendo objetivos transpostos, técnica bem aplicada, conceitos entendidos, e rostinhos felizes me indicam que se não estou totalmente preparado, estou no caminho (Professor 3).

Gosto das aulas de Movimento, porém não sou capacitada em Educação Física e, por isso, deixo de fazer algumas atividades com meus alunos desta rede e do outro município em que trabalho, por insegurança. Vou dar um exemplo: ao virar cambalhota, alguns alunos tiram isso de letra, mas há outros que não conseguem, isso sem falar nas inclusões que temos em sala de aula. A minha avaliação é feita através do desempenho, da participação e entusiasmos do aluno, além de registro através de fotos que ficam em minha rotina semanal (Professor 4).

Sim, costumo estudar jogos e brincadeiras antes de aplicar em sala de aula (Professor 5).

Busco melhorar sempre (Professor 6).

Essas respostas deixam transparecer que, por não serem graduados em Educação Física, alguns desses professores procuram, por meio de estudos e pesquisas sobre o assunto, direcionar suas aulas. Percebe-se certa insegurança por parte de outros, no que diz respeito às questões específicas da área. Como os professores polivalentes não possuem uma formação específica, a teoria necessária para ministrar tais aulas acaba aparecendo em algumas falas, no sentido de ser necessário um aperfeiçoamento com vistas a superarem as dificuldades encontradas. Para Freire (1994) é fundamental que a criança não seja privada da Educação Física a que tem direito e que o profissional mais adequado para ministrar essas aulas seja aquele que possua um melhor conhecimento e que consiga agir com competência.

Os professores participam de reuniões semanais para uma troca de experiências, sugestões de atividades e estudos complementares. A partir dessa realidade, que são as reuniões conhecidas como Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), foi perguntado sobre a frequência do tema envolvendo as aulas de Movimento. Responderam afirmativamente quatro professores, que relataram que o tema é abordado nas reuniões, assim como são propostas atividades. Um professor disse que o tema é abordado, mas não com frequência e outro disse que não é abordado. As falas a seguir mostram essas ocorrências:

Não (Professor 1).

[...] é abordado, mas não com frequência (Professor 2).

Sim, nossa orientadora e diretora preocupam-se com nossos alunos, tanto nas questões relacionadas ao espaço físico quanto aos cuidados com o material humano (Professor 3).

Nas reuniões pedagógicas a disciplina Movimento é a mais abordada por ser ela a responsável pelo desenvolvimento motor da criança, sendo que é possível ensinar Matemática ou qualquer outra disciplina brincando (Professor 4).

Sim, inclusive a coordenadora sugere atividades (Professor 5).

Não só este tema, como também Linguagem, Arte, Música, Ciências e Matemática (Professor 6).

Essas declarações mostraram que não são todas as escolas que se preocupam em proporcionar aos professores polivalentes, dentro do horário de HTPCs, discussões e propostas referentes à disciplina Movimento. Como esses profissionais não são formados em Educação Física, seria interessante lhes proporcionar um maior suporte dentro dessa temática.

Ayoub (2001) comenta que nos cursos de formação em Pedagogia, os temas envolvendo a disciplina Educação Física dificilmente são estudados, e quando isso ocorre, normalmente é de forma reducionista. Assim constatamos a insegurança dos professores quanto ao conhecimento específico da área. Os formadores (orientadores pedagógicos) envolvidos em assegurar os estudos sobre o tema, muitas vezes não estão preparados para a discussão sobre o movimento como expressão e linguagem por falta de conhecimento sobre o assunto. Desse modo, acabam, na maioria das vezes, reduzindo o mesmo a um “pacote” de atividades com conteúdos e objetivos definidos. Pela importância destacada desde a primeira resposta solicitada no início das entrevistas, é fundamental que cada profissional, independentemente de sua formação, procure meios para seu constante aperfeiçoamento.

Tendo em vista o tempo disponibilizado na grade curricular semanal para a realização das aulas de Movimento, os professores foram questionados sobre o número de aulas e se respeitavam/direcionavam esse tempo para a prática dos conteúdos específicos. O número de aulas variou de quatro a cinco por semana, de modo que todos os professores responderam seguir a grade curricular, respeitando/direcionando as atividades, como nas falas que seguem:

Quatro aulas e, sim, direciono, pois tenho autonomia para preparar as minhas aulas (Professor 1).

São quatro aulas semanais que são estipuladas e respeitadas (Professor 2).

Temos em nossa grade curricular quatro aulas semanais, variando cada aula entre 50 e 70 minutos. Sim, temos momentos direcionados, mas também temos momentos “livres” que deixamos para que cada aluno demonstre suas capacidades aprendidas e desenvolvidas tanto dentro da unidade escolar quanto fora dela (Professor 3).

Em minha rotina semanal tenho cinco aulas de Movimento por semana, mas mesmo assim há semanas em que se trabalha movimento quase todos os dias junto com música e outras disciplinas (Professor 4).

Mais de cinco horas semanais (Professor 5).

Cinco aulas, sim (Professor 6).

Na Matriz Curricular dessas unidades de ensino, as aulas de Movimento parecem ser estipuladas de forma a possibilitar uma melhor organização do tempo e de momentos específicos para essas atividades. Porém, também sabemos que o tempo de aprendizagem da criança nessa faixa etária não é limitado, nem fracionado. Assim como mencionado por Sayão (2002), as crianças ao brincar satisfazem uma necessidade básica que é viver essa brincadeira. A responsabilidade de educar numa cultura corporal com base em princípios, valores e em conhecimento de mundo deve ser prioridade entre profissionais, compreendendo, sobretudo, seu papel como formador nesse processo.

Quando perguntados sobre a importância do trabalho corporal na Educação Infantil, os professores responderam de forma a evidenciar os benefícios das atividades envolvendo essa temática. Nessa questão, um professor defendeu a proposta de que especialistas em Educação Física possam atuar nas aulas de Movimento da grade curricular da Educação Infantil, já que o ensino é oferecido regularmente em todo município. Segundo esse professor, seria o professor especialista o mais habilitado por possuir técnicas e teoria para tal prática. Seguem as falas dos professores referentes a essa questão:

É de grande importância, visto ser esta fase para exploração e desenvolvimento para a expressividade, equilíbrio e coordenação (Professor 1).

Em minha opinião, o trabalho corporal na Educação Infantil é muito importante, pois nessa faixa etária as crianças são extremamente “corpo”, elas precisam do toque, do sentir, do expressar-se corporalmente, e é exatamente dessa maneira que se expressam. Um trabalho corporal, quando bem aplicado e desenvolvido na Educação Infantil, renderá bons frutos para uma vida toda. E é por isso que defendo a ideia de que as aulas de Movimento deveriam ser dadas por especialistas, pois eles possuem as técnicas pedagógicas e a própria teoria para tal prática (Professor 2).

Para mim, é a mais importante, já que uma criança para compreender o mundo que a rodeia deve movimentar-se até ele, seja na construção psicomotora, visomotora, reações sinestésicas, mira ocular, coordenação motora grossa e fina, e outras situações de Movimento que, se bem desenvolvidas, darão suporte para o educando compreender, entender e participar ativamente do mundo em que ele vive (Professor 3).

A criança faz movimento desde que nasce, mas há movimentos que precisam ser trabalhados e explorados na Educação Infantil para que no futuro essa criança não apresente nenhuma defasagem escolar, como, por exemplo, em Matemática (Professor 4).

As habilidades corporais não são inatas e sim desenvolvidas. A escola favorece e estimula essas habilidades através das brincadeiras, danças e jogos (Professor 5).

É fundamental. À medida que o aluno supera as dificuldades, colabora com os colegas, aprende a respeitar as regras dos jogos, que ele às vezes pode ganhar e também perder; enfim, tudo isso leva o aluno a se conhecer melhor e o meio em que convive (Professor 6).

Segundo Marcellino (1990, 1995), as aulas de Educação Física Escolar devem ser norteadas pela “pedagogia da animação”. Isso significa que a ação educativa do professor deve englobar os sentidos de vida, de movimento e de alegria na sua atuação pedagógica por meio da criação de ânimo, na provocação de estímulos. As aulas devem ter caráter lúdico e recreativo para ter sentido à criança. Lúdico com significado de alegria, divertimento, brincadeira, prazer e satisfação. Recreação com significado de criar, transformar, modificar, recriar, dar vida nova, com novo vigor.

Marcellino (1990, 1995) ainda menciona que as atividades físicas ou práticas motoras devem ter “saber e sabor de gosto gostoso” ou “saber com sabor”. Um bom trabalho envolvendo a cultura corporal inicia-se desde os primeiros anos de vida da criança. Quanto mais ricas em conhecimentos forem as atividades diárias, melhores serão os resultados. A criança aprende brincando, cabe ao professor proporcionar momentos prazerosos de aprendizagem, objetivando e ampliando as possibilidades de superações e conquistas motoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fala dos docentes deixou transparecer que a maioria prioriza a interação social dos alunos e planejam/direcionam suas aulas de Movimento. No entanto, torna-se necessário que as secretarias estaduais e municipais de educação passem a considerar a necessidade de um profissional com formação específica para ministrar tais atividades, pois apenas um professor se declarou preparado para realizar o trabalho.

MOTOR ACTIVITY IN THE EARLY CHILDHOOD EDUCATION: SPEECH OF NON-GRADUATED PHYSICAL EDUCATION TEACHERS WHO ADMINISTER THESE CLASSES

Abstract: The physical education classes in kindergarten, in some localities, are taught by professionals without specific training in the area. Therefore, the purpose of this study was to evaluate the speech of teachers who teach this subject, but have no training in physical education to see how the work is done. The study was characterized as qualitative and exploratory and was attended by six teachers of municipal schools of a city in the state of Sao Paulo. The instrument used was a semi-structured questionnaire with open

questions. The results showed that the teachers teach classes at the scheduled time, planning activities and discussing the subject during the hours of collective work teaching. However, only one teacher was considered ready to teach these classes. Thus, we believe it is necessary to be efforts by state and local governments, to licensed professionals in physical education may administer such activities.

Keywords: child rearing; physical education; vocational training.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BRASIL. Lei 9.394. Lei de Diretrizes e Bases, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – volumes 1, 2 e 3. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 1, de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura. 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHANTRAINE-DEMAILLY, C. Modelos de formação contínua e estratégias de mudança. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 139-158.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. Teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1994.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1995.

MARIN, A. J. Educação continuada: introdução a uma análise de termos e concepções. **Caderno Cedes**, Campinas, n. 36, p. 13-20, 1995.

MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 37-70.

RANGEL-BETTI, I. C. Os professores de educação física atuantes na educação infantil: intervenção e pesquisa. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 83-94, 2001.

SAYÃO, D. T. Infância, prática de ensino de educação física e educação Infantil. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Org.). **Educação do corpo e formação de professores**: reflexões sobre a prática de ensino. Florianópolis: UFSC, 2002. p. 45-64.

WEISS, L. **Brinquedos e engenhocas**: atividades lúdicas com sucata. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ZURAWSKI, M. P. V. **O contexto e a prática da Educação Infantil**. Módulo 2: Jogo, brincadeira e faz-de-conta. São Paulo: Moderna, 2006.

Contato

Raphael Gonçalves de Oliveira
E-mail: rgoliveira@uenp.edu.br

Tramitação

Recebido em 23 de abril de 2012
Aceito em 6 de janeiro de 2013